

GENTE QUE INSPIRA

O valor do trabalho VOLUNTÁRIO

Histórias para alegrar o coração é o nome do grupo que leva esperança a pessoas carentes no HBDF. Por meio da contação, elas acolhem pacientes em tratamento e recebem sorrisos e aplausos como gratificação

» MARINA RODRIGUES

Todas as terças-feiras, o grupo de contação de histórias da Associação Amigos do Hospital de Base do Distrito Federal (AAHB) se reúne para planejar a surpresa do dia. No início da tarde, todos sabem: é hora de subir para a enfermaria. De jaleco lilás e crachá, com adereços e muito carisma, elas entram nos leitos se apresentando e perguntando aos pacientes se gostariam de ouvir uma história. A resposta é quase sempre a mesma: sim! E, então, o show começa. Lágrimas de emoção mostram o que o coração sente: esperança.

As apresentações, geralmente sobre superação, alimentam pensamentos positivos e renovam o estado de espírito de quem as ouve. São uma pausa na rotina de exames, medicamentos e incertezas sobre o dia de amanhã. Os benefícios da interação são observados tanto no tratamento dos pacientes, com as mais diversas enfermidades, quanto no desenvolvimento pessoal dos voluntários, que destacam a importância e a satisfação de fazer o bem ao próximo.

Organização

Escritora, ex-empresária e jornalista aposentada, Madalena Rodrigues é uma das coordenadoras do grupo de contação e dá detalhes sobre o trabalho. “Nós fomos desenvolvendo, ao longo do tempo, esse modo de contar histórias, que não é pegar o texto e ler, mas contar com as próprias palavras, da maneira mais natural possível

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Emocionado após ouvir a lenda africana *Ubuntu*, Eumir Pereira, 63 anos, fala sobre amor ao próximo

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Contadoras durante visita aos pacientes na enfermaria do hospital

atividades no hospital e Madalena foi quem propôs à presidente da associação, Maria Oneide Miranda, a criação de uma nova dinâmica, às terças-feiras, com direito a um manual feito por elas.

Método

Junto à forma diferenciada de contar histórias, as voluntárias encontraram maneiras de chamar a atenção dos pacientes e deixar a experiência mais intimista. A química Regiane Valério, umas das coordenadoras, ressalta a importância dos acessórios. “Depois da primeira experiência, a gente percebeu que o adereço tira o foco do jaleco e, à medida que a gente passa pelos corredores do hospital, vai espalhando a alegria. O pessoal começa a olhar e sorri. Muda o ambiente, é incrível. Então, mesmo sendo para adultos, a gente sobe assim, linda”, brinca.

Sobre a receptividade dos pacientes, a voluntária Valquíria Andrade, 64, delegada aposentada, observa um retorno positivo. “Em cada quarto é de uma forma, porque a gente não fala a moral da história. E nesse processo de olho no olho, eles vão sentindo a confiança, vão se soltando e, no final, até se abrem e contam as próprias vivências. É uma reciprocidade muito boa.” Madalena completa: “Antes de falarem de si, muitas vezes, eles aplaudem. E, para mim, não tem um sinal mais evidente de que fez bem a eles, e a nós também.”

As contadoras observam que alguns pacientes ficam um longo período internados e que as

e em contato, olho no olho, com o paciente.” As narrativas recebem uma capa especial, feita por Fernando Lopes — ilustrador por muitos anos no *Correio* —, e são contadas nos quartos da enfermaria do hospital, em duplas ou trios.

Além de Madalena, há outras três coordenadoras: Rosa Maria Maciel, Zouraide Guerra e Regiane Valério. O grupo é formado por nove mulheres, ativas e aposentadas, que se reuniam às quartas-feiras, mas tiveram de parar devido à pandemia da covid-19. Após a crise sanitária, elas enfrentaram dificuldades para retomar as